



SANSON

Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris – eis a forma como o Espírito se identifica, assinando a mensagem “Perda de Pessoas Amadas”. – Mortes prematuras (O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo V, item 21), bem assim a que se encontra inserida no capítulo XI, item 10 da mesma obra, e que disserta a respeito de A Lei do Amor, ambas datadas do ano 1863.

Sanson era membro da Sociedade Espírita de Paris e desencarnou no dia 21 de abril de 1862, “após mais de um ano de sofrimentos cruéis”, conforme nos informa o Codificador na Revista Espírita do mês de maio do mesmo ano. Quase dois anos antes, o Sr. Sanson dirigira a Kardec, na qualidade de Presidente da dita Sociedade, uma carta onde solicitava que, após a sua morte, fosse evocado e o mais imediatamente possível. Isto fazia, reafirmando um desejo que expressara “há cerca de um ano”. O seu era o propósito de, através “dessa espécie de autópsia espiritual” servir no além-túmulo, “dando-lhe os meios de estudar fase por fase, nessas evocações, as diversas circunstâncias que se seguem ao que o vulgo chama a morte”.

Recomendando-se às preces dos companheiros da Sociedade Espírita de Paris, discorre ainda, na mesma missiva, sobre sua preocupação com respeito a escolha e oportuno momento de sua próxima reencarnação.

Allan Kardec compareceu, com alguns membros da Sociedade ao local onde se encontrava o corpo do Sr. Sanson e ali, uma hora antes do enterro, deu-se a sua primeira comunicação, onde demonstrou plena ciência de sua situação, afirmando que após 8 horas de sua morte, recobrou a lucidez das suas ideias. O médium que serviu de intermediário foi o Sr. Leymarie, que jamais tinha visto o Sr. Sanson e desconhecia o seu caráter, os seus hábitos e muito menos sabia se ele tinha filhos, o que na mensagem é mencionado, provando a sua autenticidade, onde o espírito “se revela pelo seu lápis”.

À beira do túmulo, Allan Kardec discursa, apresentando o Sr. Sanson como um homem de bem em toda a extensão do vocábulo. Diz ainda que ele era dotado de uma inteligência incomum, desenvolvida por uma instrução variada e profunda. Simples nos seus modos de vida, aplicava a sua atividade intelectual em pesquisas e invenções muito engenhosas que, no entanto, não lhe trouxeram resultados.

“Era um desses homens que jamais se aborrecem, porque sempre estão pensando em algo de sério. Conquanto sua posição o tivesse privado daquilo que faz a doçura da vida, seu bom humor jamais se alterava.”

A crença espírita o ajudou a suportar os “longos e cruéis padecimentos com uma paciência e uma resignação muito cristãs”. Não há um só dentre nós, prossegue o Codificador, “que o tendo visto em seu leito de dor não se tenha edificado com a sua calma e a sua inalterável serenidade. Desde muito tempo ele previa o seu fim; mas, longe de se apavorar, o esperava como a hora da libertação. Ah! É que a fé espírita dá nesses momentos supremos, uma força da qual só se dá conta quem a possui. E o Sr. Sanson a possuía em grau supremo.”

Nos dias 25 de abril a 2 de maio do mesmo ano de 1862, outras duas palestras ocorrem, em que, ainda servindo como médium o Sr. Leymarie, o Espírito Sanson responde às questões mais

delicadas da situação do espírito após a morte física, dizendo-se “muito feliz por me tornar útil aos meus antigos colegas e ao seu digno presidente”.

Nas observações do mestre lionês, as palestras propiciam “um elevado ensino na descrição que ele faz do próprio instante da transição”, e salienta que “nem todos os Espíritos seriam aptos a descrever esse fenômeno com tanta lucidez quanto ele. O Sr. Sanson viu na sua morte o seu próprio renascimento, circunstância pouco comum e que devia à elevação de seu Espírito.”

Fontes: O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec e Revista Espírita, maio e junho de 1862.